

Arte e vida: processos poéticos e educativos no fazer em arte contemporânea

Art and life: poetic and educational processes in making in contemporary art

Geovanni Lima da Silva (UFES/UNICAMP)

Resumo: O texto aqui apresentado é fruto da conferência “Exercícios para se lembrar: negritude e performance na construção de si”, realizada durante o XV Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte: Diálogos Urgentes, na Universidade Federal do Espírito Santo, em agosto de 2023. O texto apresenta os aspectos da residência artística “Exercícios para se lembrar” de minha autoria e da artista Carla Borba, bem como os trabalhos artísticos de Tribal Ycsander, Rafa Black, CS - vulgo eu mesmo, além de Patthy Oliver e Jaiara Dias, jovens participantes dos Centros de Referência das Juventudes - CRJs, dos municípios de Vila Velha, Serra, Cariacica, Linhares e Colatina, no Espírito Santo.

Palavras-chave: arte. arte educação. juventudes. diálogos urgentes.

Abstract: *The text presented here is the result of the conference “Exercises to remember: blackness and performance in the construction of self”, held during the XV Capixaba Seminar on the Teaching of Art: Urgent Dialogues, at the Federal University of Espírito Santo, in August 2023. The text presents the aspects of the artistic residency “Exercises to remember” by myself and the artist Carla Borba, as well as the artistic works of Tribal Ycsander; Rafa Black; CS, aka myself; Patthy Oliver and Jaiara Dias, young participants of the Youth Reference Centers - CRJs, in the municipalities of Vila Velha, Serra and Cariacica and Linhares and Colatina in Espírito Santo.*

Keywords: art. art education. youths. urgent dialogues.

"O bom é quando a juventude vive! Vive, sabe? A arte contemporânea, o ensino da arte contemporânea, pode ajudar nisso. Sem romantismo, como método." Geovanni Lima

Uma rainha coberta de papel e com dados a respeito dos ataques que sua corte vivencia aplicados pelo corpo. Um corpo estirado no chão coberto por sangue *fake* produzido por uma mistura de tinta guache e água. Uma voz esbravejando que deseja viver, que quer experimentar o amor junto dos corpos como o seu. A força de *lansã*¹ presentificada no vento e no corpo preto transexual que se reconhece na terra vermelha. Uma lavadeira que se banha de barro vermelho e que substitui a bacia, objeto presente em seu cotidiano familiar, por intelectuais negras que a auxiliaram na realocação de seu contexto.

Durante o processo de pesquisa de minha dissertação de mestrado disse a seguinte frase: "o mundo se cristaliza em imagens e elas pairam dentro de mim, e, por serem assim, elas se constituem como a principal ferramenta para a elaboração de minha subjetividade e de meus trabalhos artísticos" (Silva, 2021, p. 17). Ainda penso assim. As imagens que descrevo acima são apreensões de trabalhos de jovens artistas capixabas, com os quais, junto da artista visual Carla² Borba, trabalhei durante as três primeiras edições da residência artística "*Exercícios para se lembrar*". Este texto, fruto da conferência de abertura do XV Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte: Diálogos Urgentes apresenta uma parte da minha comunicação oral no evento, expondo como se dá o processo de residência de cinco jovens artistas capixabas e a importância do trabalho deles para nortear a minha participação no referido seminário.

Derivada de minha pesquisa de mestrado e de uma série de performances homônimas, a residência surge em um contexto de

empreender a produção de agendas próprias para o vocabulário artístico visando que essas performances não se findassem em si próprias, mas se conectassem com a comunidade afro-diaspórica, uma vez que partilhamos o mesmo modo de compreensão das experiências cotidianas e artísticas –

1 *lansã*: orixá dos ventos, homenageada em 04 de dezembro, rege os raios e tempestades, comanda os espíritos dos mortos, sendo sincretizada com Santa Bárbara.

2 Carla Borba (ES) é artista visual, educadora, pesquisadora, produtora cultural e gestora de projetos. Sua prática artística envolve relações entre performance, imagem, jogo e processos colaborativos. É doutora e mestra em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Licenciada e bacharel em Artes Visuais, especialista em Gestão de Projetos pela PPG em Economia/UFRGS. Sua pesquisa teórico-prática parte do corpo como dispositivo de reflexão sobre a construção de narrativas contemporâneas em torno das pedagogias contra hegemônicas, gênero, étnico-racial, memória e coletividade com o objetivo de contribuir para a formação de profissionais com habilidades socioemocionais em consonância com os desafios sociais. Educadora com experiência no ensino superior e básico, assim como em espaços não formais de educação (públicos e privados), desde 2007 vem desenvolvendo atividades referentes à pesquisa, gestão e produção executiva de programas de educação artístico-culturais, além de atuar na coordenação e supervisão de equipes musicais, bem como na formação de educadores, professores e estudantes.

que inclusive rememoram os processos de colonização – e a mesma busca por libertação, tanto no pensamento como na prática contemporânea de produzir arte. (Silva, 2021, p. 117)

Tal residência foi realizada nos Centros de Referência das Juventudes - CRJs nas cidades de Vila Velha, Serra, Cariacica, Linhares e Colatina, do estado do Espírito Santo, contando com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura (edição 1), da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, do Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável - CIEDS (edição 2), além da Secretaria de Estado de Direitos Humanos e do Instituto de Promoção Humana, Aprendizagem e Cultura - IPHAC (edição 3).

O trabalho realizado no decorrer das residências objetiva o fortalecimento do fazer cultural pelo ensino da arte e das práticas artísticas contemporâneas como métodos para a promoção, proteção e defesa dos Direitos Humanos das juventudes. Ao longo do processo de residência artística, normalmente realizada durante quinze dias, as juventudes vivenciam os seguintes processos: 1- Contato com a produção dos artistas residentes; 2 - Apresentação do interesse artístico de cada jovem artista participante; 3 - Apresentação de referências poéticas, elencadas pelos artistas residentes a partir do interesse de cada jovem artista participante; 4 - Visita à espaços expositivos; 5 - Definição da produção artística a ser realizada; 6 - Realização da produção artística; 7 - Apresentação pública dos trabalhos realizados.

Após a realização das etapas supramencionadas, é organizado um catálogo em formato digital e impresso que apresenta a produção realizada pelos jovens. Para a confecção desse material, afora os trabalhos produzidos, são convidados pesquisadores a fim de contribuir com reflexões teóricas que dialoguem com os trabalhos de cada jovem participante e com as realidades dos territórios nos quais as residências foram executadas. Também é importante apontar que cada jovem recebe um número de exemplares deste material impresso para que possam utilizar o mesmo como portfólio para possíveis trabalhos.

Tendo a participação de quarenta e cinco jovens, os trabalhos elaborados no período de residência correspondem a uma cartografia afetiva dos territórios onde os integrantes habitam. Ao mergulharem no fazer artístico, eles evidenciam questões que lhes são urgentes, tais como: o genocídio das juventudes negras, as atitudes voltadas às ancestralidades presentes em seus cotidianos, o rompimento com práticas hegemônicas e as questões de gênero com foco na população LGBTQIAP+ e nas mulheres.

As propostas executadas durante o processo articulam uma rede que, embora trate de questões locais, evidencia problemáticas sociais comuns à sociedade brasileira, sobretudo as juventudes que sofrem preconceitos raciais e de periferia.

Nesse sentido, a experiência “*Exercícios para se lembrar*” se coloca como um dispositivo educativo-poético, que tenciona questões que perpassam arte, juventude e Direitos Humanos a partir do fazer artístico e do ensino da arte em espaços não formais de ensino.

O trabalho realizado por Silva e Borba, pauta-se em uma perspectiva artográfica, ou seja, ratificamos durante o processo de residência junto aos jovens o papel de *artista-pesquisador-professor*, onde o saber-fazer-realizar fundem-se, criando uma linguagem mestiça e híbrida que, na maioria das propostas, tem como objetivo entender como se poderá dialogar por meio da investigação entre o fazer artístico, a compreensão do que se fez, e a produção da profissionalidade do docente (também artista) numa área de conhecimento de cunho peculiar. É neste diálogo que se desenvolvem e interagem - numa só pessoa - os três papéis distintos: o do artista, do investigador, do professor de arte/educador (Charréu, 2019, p. 97-98).

Desse modo, e considerando o que é apresentado por Ana Mae Barbosa no que tange a percepção da arte como uma linguagem aguçada dos sentidos que transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica (BARBOSA, 2009, p. 21), os processos compreendidos no percurso da residência artística “*Exercícios para se lembrar*”, potencializam as reflexões sobre a importância de pensar produções educativas e artísticas que promovam a garantia de vida das juventudes e ressignifiquem as memórias sobre o território do qual fazem parte afirmando a vida a partir do lugar de fala de cada jovem.

Em vista disso, é imprescindível retomar as imagens que abrem este texto para dialogarmos com a produção e com os interesses dos cinco jovens artistas que mencionei durante a conferência. Iniciaremos com *Rainha de papel* (2022), de Tribal Icsander, artista autônomo, professor de dança do ventre, com interesse em aspectos femininos como possibilidade de manifestação do divino (Borba; Silva, 2022).

Conforme apontado por Borba e Silva (2022):

A performance intitulada “Rainha de Papel”, de Tribal Icsander, envolve dança, objeto escultórico e instalação artística. Produzida com diversas camadas de papel sulfite, a saia utilizada por Icsander tem estrutura volumosa e remete às saias de vestidos aristocráticos. Uma rainha de papel que se transmuta enquanto dança. Fragmentos de jornal colados ao corpo do artista conectam a performance ao cotidiano, às notícias, narrativas e às palavras que pautam a sociedade racista e transfóbica. Com o rosto coberto de branco, Icsander gesticula as dores e a potência da transformação. O seu longo cabelo vermelho se alinha ao grafite 3D produzido por Aquila de Almeida, presente na instalação, cenário que lembra ao público a identidade da rainha de papel (Borba; Silva, 2022, p. 47).



Figura 01: Rainha de Papel, Tribal Icsander, 2022. Fonte: Carla Borba e CRJ Terra Vermelha/Vita Velha



Figura 02: Rainha de Papel, Tribal Icsander, 2022. Fonte: Carla Borba e CRJ Terra Vermelha/Vita Velha.



Figura 03: Rainha de Papel, Tribal, 2022. Fonte: Carla Borba e CRJ Terra Vermelha/Vila Velha.

Em *50 tons de preto*, produzido em 2023, por Rapha Black (poeta marginal e artista interessado em processos cênicos), apresenta o corpo jovem preto aparentemente morto. O artista que visualiza o mundo em imagens e deseja interferir nelas, tenciona o genocídio da juventude negra ao propor voz ao corpo aparentemente mutilado pela morte.



Figura 04: 50 tons de preto, Rafa Black, 2023. Fonte: Paula Barbosa e CRJ Linhares.

PA TUM
 VOCÊ OUVIU?
 VOCÊ OUVIU?
 MAIS UM MAIS UM TIRO DISPARADO
 E LÁ NO CHÃO DA FAVELA
 OUTRO CORPO NEGRO ESTIRADO
 É O SOM DE UMA MÃE DESESPERADA
 POIS LOGO FOI AVISADA
 SOBRE SEU FILHO QUE MORREU BRUTALMENTE LÁ NA QUEBRADA
 SEM CHÃO PRA PISAR E SEM VOZ PRA FALAR ELA DEBRUÇA
 SOBRE O CORPO DO SEU FILHO CAÍDO NO CANTO DA CALÇADA
 ENSANGUENTADA PEGA SUA CABEÇA PÕE SOBRE SEU COLO

ABRAÇA BEIJA ACARICIA SEUS CABELOS MAS NÃO
 VAI PODER MAIS OLHAR DENTRO DOS SEUS OLHOS
 O TIRO?

O TIRO FOI DISPARADO DA ARMA DE UM POLICIAL
 QUE DISSE QUE ELE ESTAVA EM ATITUDE SUSPEITA, OU
 VOCÊ SÓ ATIROU NELE POR CAUSA DA PELE PRETA?
 DO OUTRO LADO DA CALÇADA
 PARECE QUE EU ESCUTO ALGUÉM GRITAR

SE MORREU É PORQUE DEUIA, ENTÃO ME RESPONDA QUAL
 MÃE MERECE SEU FILHO INOCENTEMENTE ENTERRAR?
 NO CENTRO DA CIDADE GRANDE
 PARECE QUE EU VEJO DOIS BURGUESES A
 CONVERSAR MATARAM MAIS UM LÁ NA BAIXADA,
 UMA SALVA DE PALMAS
 PROS NOSSOS HERÓIS DE FARDA
 HERÓIS?
 OS HERÓIS QUE ERAM PRA SER MOCINHOS
 TÃO PAGANDO DE VILÃO

NAO NAO CHARLLES XAVIER MAIS COM UMA ARMA
 CONSEGUEM COLOCAR UMA FAMÍLIA INTEIRA
 EM VOLTA DE UM CAIXÃO
 A NÃO E MUITA CONFUSÃO

MAIS TA TODO MUNDO FINGINDO QUE NÃO VIU
 EM TEMPO DE CHUVA EU TENHO QUE ME MOLHAR
 JÁ QUE ELAS CONFUNDEM ATÉ GUARDA CHUVA COM FUZIL
 TA OSSO VIVER NESSA SOCIEDADE HIPÓCRITA
 PM CONFUNDE SAQUINHO DE PIPOCA COM DROGA
 E PA LA SE VAI MAIS UM JOVEM NEGRO PRA COVA
 MAS NADA
 NADA QUE UM PANO BRANCO NÃO RESOLVA
 JÁ QUE A VOZ DE QUEM TEM MAIS ECOA
 E A NOSSA VOZ SOA, SUSSURRA TÃO BAIXO
 QUE NÃO DÁ NEM PRA ESCUTAR
 JÁ QUE VIROU MODINHA ELAS NOS DEGOLAREM
 A VAI SE CATAR
 HÁ CADA 23 MINUTOS UM JOVEM NEGRO MORRE
 E VOCÊS VEM ME FALAR QUE PRETO GOSTA
 DE SE VITIMIZAR TÁ
 O MITO QUE VOCÊS APOIAM SÓ FAZ ESCREVER DISCURSO
 DE ÓDIO, RACISMO, MACHISMO, HOMOFOBIA E CRUELDADE
 O SEU VOTO NELE MOSTRA PERFEITAMENTE
 O QUE PASSA PELA SUA CABEÇA
 MAIS QUE DA SUA BOCA NÃO SAI METADE
 ENTÃO NÃO ME VENHA COM 50 PAPOS DE BRANCO DIZENDO
 QUE PRETO É MOTIVO DE RISOS, CHACOTA E CRUELDADE
 A GENTE SÓ PEDE RESPEITO E IGUALDADE
 MAS SE VOCÊS PREFERIREM A GENTE MOSTRA
 EM MAIS DE 50 TONS DE PRETO
 A NOSSA VERDADEIRA FACE

(Black, 2019, apud, Borba; Silva, 2023, p. 32-34)

O trabalho de Rapha Black é montado de maneira instalativa. O espaço expositivo recebe uma fotografia (imagem 04), impressa em papel fotográfico fosco, com escala de 90 cm x 60 cm e a instalação de uma QR Code ao lado da mesma para que a poesia apresentada acima na voz do artista³ possa ser escutada. Há um tensionamento do real causado entre o confronto da imagem, declaradamente produzida de maneira teatral, com a voz do artista.

Em contraponto a Rafa Black, Caio - vulgo CS, de Cariacica, apresenta expressamente seu desejo pela vida. Jovem artista de rua, com trabalho executado nos ônibus que transitam na Região Metropolitana de Vitória, tem na venda de poesia e bala sua principal fonte de renda. Caio apresenta uma poesia a qual transcrevo a seguir:

Pra mim era um dia normal depois de um fight
 Com minha preta acordei depois do sexo
 Fui embora bem trajado e cá nas ruas, acendi meu
 Dunhill Nesse instante os vermes me enquadraram
 Acho que não pegaram nem um branquinho na lojinha
 A vida que meus crias levam é assim tomando baque
 das gays Na minha abordagem sempre perguntam:
 quantas passagens?
 Eu Cs sou abusadão. Eu só dou ideia dura.
 Tapa na cara da sociedade.
 Eu sou menos um no índice da criminalidade
 Não cometo atos de delito contra ela
 13 de maio 1888
 Criaram a PM, tipo facção
 Para proteger os bens dos mauricinhos e das dondocas
 Mas proteger de quem?
 Da minha raça?
 Mas foram eles que levantaram obras,
 trabalharam em plantações, cuidaram de animais
 E eles só recebiam chicotadas, pauladas
 Tiraram nossas vidas, mas a fúria negra ressuscita outra vez! (CS., Vulgo eu
 mesmo, 2022, apud, Borba; Silva, 2023, p. 17)

Para o espaço expositivo, é apresentado um vídeo registro de nossa leitura conjunta do poema. Caio expressa em palavras, a partir de seu repertório, a relação da juventude negra com a polícia, a sociedade e as relações afetivas, desejando dias normais que lhe proporcionem vida e tranquilidade.

Em *A menina dos olhos Oyá*, de 2022, Patthy Oliver, que em suas palavras se define como “garota trans e multi artista” (Oliver, 2022, apud, Borba; Silva, 2022, p. 60), invoca Oyá, orixá do vento, da tempestade e dos raios. A artista vibra na

3 Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1pEw_laZlnnYQSVQgKt97n7pOwqwlXyPn/view?usp=share_link



Figura 05: A menina dos olhos de Oyá, Patthy Oliver, 2022. Fonte: Carla Borba e CRJ Terra Vermelha.

energia da orixá para apresentar ao mundo quem ela é de verdade. Exposta em formato díptico, o trabalho se configura em duas fotografias com escala de 40 cm x 60 cm, com impressão colorida em papel fotográfico.

Jaiara Dias, artista licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo e Educadora Social por natureza, tem interesse em processos autobiográficos. Em *Das vezes em que renasci*, de 2022, Dias honra e reposiciona suas ancestrais, substitui a bacia, objeto típico das lavadeiras que estão presentes em sua família e território, por intelectuais negras. Em suas palavras

“Das vezes que eu renasci” é uma homenagem às mulheres pretas mais velhas deste território em que vivo, lugar que foi o meu primeiro chão, em que dei minhas primeiras pisadas, em que rabisquei minhas primeiras palavras e em que fabulei mundos nos meus cadernos escolares. Minha infância foi aqui, nos bairros da região da Grande Terra Vermelha em Vila Velha - Espírito Santo, bairros beira-mar, área de natureza exuberante, de restinga com seus alagados, brejos, areais e muito barro, muita lama. Eu vi tudo isso existir ainda criança e se transformar com o passar dos anos, presenciando a formação e chegada de muitas famílias, casas e, consequentemente, muitas áreas verdes se cimentar. Na divisa dos bairros Terra Vermelha e Barramares, um grande valão de esgoto a céu aberto na fronteira; ouvi relatos de que na década de 90, era um córrego em que as mulheres lavavam roupas, quando não havia água encanada e tratada. É a força feminina que pratica a matrigestão do nosso território. Muitas mulheres pretas são os esteios



Figura 06: A menina dos olhos de Oyá, Patthy Oliver, 2022. Fonte: Carla Borba e CRJ Terra Vermetha.

das famílias, o nosso pilar maior, que criam seus filhos e filhas sonhando e construindo mundos dignos para nós, infâncias e juventudes deste lugar. A argila no meu corpo representa as possibilidades de cocriação, como no Itan lorubá em que Oxalá modelou os seres humanos com a argila de Mãe Nanã, a nossa velha senhora, conhecedora dos mistérios mais íntimos do mundo. Eu sou uma jovem mulher, sou a possibilidade de vida que as mais velhas das minhas famílias batalharam para continuar existindo, mesmo com tantos projetos de aniquilamento que se executam contra nós. Sou o sonho delas, dos seus estudos, das leituras e da fabulação de outros mundos. Os livros na cabeça são reverências às escritoras pretas mais velhas, que criaram histórias e memórias a partir de sua ótica, dos seus modos de ver e sentir o mundo, como eu venho experienciando nesses 25 anos de vida. Que eu possa existir e cocriar meus sonhos, que se misturam aos de minhas ancestrais; que eu possa me transformar e renascer na argila quantas vezes for necessário, para existir em liberdade e alegria, como eu estava no dia em que produzi essa fotoperformance. (Dias, 2022, apud, Borba; Silva, 2022, p. 34)

Exposta em formato díptico, o trabalho se configura em duas fotografias, com escala de 40 cm x 60 cm, impressas coloridas em papel fotográfico. Ao acessar sua ancestralidade, a artista, no mesmo viés de Bell Hooks⁴, ergue sua voz

4 Ver: Hooks, Bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.



Figura 07: Das vezes que renasci, Jaiara Dias, 2022. Fonte: Carla Borba e CRJ Terra Vermelha.

trazendo para a imagem performática a terra vermelha que esteve à vida toda embaixo dos seus pés, e aponta para a necessidade de que a produção intelectual produzida na atualidade adentrem os territórios habitados por pessoas em sua maioria racializadas.

Como exposto anteriormente, as obras produzidas durante a residência se pautam em processos artográficos. Digo isso uma vez que, ao facilitar o processo, colaboramos com os jovens artistas em três perspectivas: de artistas, já que há a produção de trabalhos formais pensando o campo das artes visuais; de pesquisador, uma vez que as trocas, o contexto local, social e estético nos interessa, e como professores, pois o ensino das artes visuais permeia todo o processo.

Tanto os trabalhos artísticos quanto a própria residência que realizamos ambos apresentados durante a conferência de abertura do XV Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte: Diálogos Urgentes, ratificam a arte contemporânea como método para o ensino das artes visuais, neste caso nos CRJs, constituídos como espaços não-formais de ensino. Aqui penso a produção contemporânea a partir dos materiais, do contexto social, do interesse de quem produz e etc.

Ao produzir seus trabalhos os jovens artistas mobilizam um campo do saber e acionam diálogos que lhe são urgentes. Suas proposições não apresentam fins em si mesmos, tampouco assumem caráter panfletário, ao contrário, mobilizam um campo do conhecimento e se configuram como objetos/produções artísticas que fortalecem/complementam a teia social contemporânea.



Figura 08: Das vezes que renasci, Jaiara Dias, 2022. Fonte: Carla Borba e CRJ Terra Vermelha.

Embora partam de aspectos subjetivos e individuais, os processos vivenciados e por consequência os trabalhos artísticos produzidos durante o período de residência, dizem a respeito de uma realidade social comum a pessoas periféricas e racializadas. Lidam, por exemplo, com as “*imagens de controle*” (Bueno, 2020) atribuídas a sujeitos afrodescendentes e que estruturam a prática racista vivenciada socialmente no Brasil. Mas não apenas isso: são potentes objetos artísticos que ao ganharem o mundo permitem que o campo visual os analise como tais.

Concluo este texto da mesma maneira que fiz na palestra realizada durante a Conferência do seminário, apresentando as questões que me mobilizam neste momento como artista-pesquisador-professor, e que ainda não obtive respostas: 1 - Como aplicar essa abordagem artográfica em contexto escolar formal?; 2 - Como colaborar para que produções como as apresentadas aqui ganhem espaço no contexto formal da educação e no sistema da arte?; 3 - Qual o papel do ensino das artes visuais no modelo de educação que vivenciamos hoje?

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BORBA, Carla; SILVA, Geovanni Lima da (org). **Exercícios para se lembrar**. 1. edição. Vitória: Editora do artista, 2022.

BORBA, Carla; SILVA, Geovanni Lima da (org). **Exercícios para se lembrar**. 2. edição. Vitória: Editora do artista, 2023.

BORBA, Carla; SILVA, Geovanni Lima da (org). **Exercícios para se lembrar**. 3. edição. Vitória: Editora do artista, 2023.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CHARRÉU, Leonardo Verde. A Cartografia e a Artografia como métodos vivos de Investigação em arte e em Educação Artística. **Diacrítica**. Revista de Estudo do Centro Humanístico. Braga: Uminho, v. 33, n. 1, p. 87-103, 2019.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

SILVA, Geovanni Lima da. **Exercícios para se lembrar**: a performance como método para a elaboração de subjetividades. 150 p. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: São Paulo, 2021.

Geovanni Lima da Silva

Artista e Performer; Doutorando em Artes Visuais (UNICAMP). Membro dos grupos de pesquisa CNPq/UFES: Entre - Educação e Arte Contemporânea e 3P - Práticas e Processos de Performance. É um dos proponentes do projeto PERFORME-SE - Festival de Performance e do Festival Lacerção - Arte e Cultura LGBTQIAP+. Foi coordenador de Políticas para a Diversidade Sexual e Gênero da Prefeitura de Vitória. Foi um dos coordenadores da reformulação da política pública de juventude no Espírito Santo (Centros de Referência das Juventudes, do Projeto de Educação em Direitos Humanos para as Juventudes; do Plano Estadual de Políticas para as Juventudes e do Fundo Estadual para as Juventudes).

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7528-1255>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6696517379927447>